

Discurso na Solenidade de Comemorativa dos 99 anos da ACL

Carlos D'Alge

Pedi-me o senhor Presidente desta Casa que, em seu nome e em nome dos senhores Acadêmicos, fizesse uma saudação aos homenageados desta noite: os senhores João Alves de Melo, Presidente do Banco do Nordeste do Brasil, e Demócrito Dummar, Diretor-Presidente da Empresa Jornalística O Povo, que recebem o título de Acadêmicos Honorários, e Ciro Ferreira Gomes, Governador do Estado do Ceará, agraciado com o título de Sócio Benemérito.

O momento foi bem escolhido: a Academia Cearense de Letras completa 99 anos de existência a 15 de agosto. Prestes a chegar ao centenário, a mais antiga Academia do Brasil já viu passar pelo seu pórtico nomes que honram a história do Ceará, em seus diferentes aspectos, pela contribuição literária e científica, pela sua presença nas artes, na vida social e política do nosso Estado. São cearenses cultos nascidos aqui ou que para cá vieram e acabaram por se integrar em nosso meio.

Para não me alongar em citações de nomes bastaria lembrar os de Pápi Júnior, nascido no Rio de Janeiro; de Rodolfo Teófilo, na Bahia; de Alfredo de Castro, em Pernambuco; de Demócrito Rocha, também na Bahia, considerados autores cearenses, na sábia lição do saudoso mestre Dolor Barreira, eternizada na sua *História da Literatura Cearense*, obra das mais significativas para o conhecimento da nossa cultura, escrita de parceria com a sempre lembrada bibliotecária Maria da Conceição Souza.

Prepara-se a Academia, sob a presidência de Artur Eduardo Benevides, para celebrar os cem anos da sua criação e o fará, com certeza, com muito brilho e participação, pois não se poderá fazer uma celebração de tal porte só com a colaboração dos Acadêmicos, mas de toda a sociedade. O que é uma Academia senão o espelho dessa mesma sociedade que pôde ser educada e cresceu sabendo da importância de se ter uma Casa onde se festeja não apenas a cultura, mas onde também há preocupações sobre o destino deste país?

A Academia, nesse tocante, cumpre o seu papel. Espera-se que a sociedade civil também cumpra o seu. Não devemos ser vistos só como diletantes e poetas. A nossa sensibilidade não é apenas literária, é também social e política. E como poetas exigimos que se res-

peite a poesia. O que seria da Alemanha sem Goethe, da França sem Victor Hugo, ou dos países ibéricos sem Camões e Cervantes?

João Alves de Melo, Presidente do Banco do Nordeste do Brasil, é cearense de Iguatu, bacharel em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Ceará, e em Administração pela Universidade Estadual. Pós-graduou-se em Análise e Avaliação de Projetos para Técnicos de Bancos de Desenvolvimento, da Universidade de São Paulo.

Iniciou a sua vida profissional no Banco do Nordeste em 1961, tendo desempenhado diversas funções de comando, em agências e na Direção Geral, chegando à Presidência da Instituição em outubro do ano passado. Em 90, já aposentado, foi convidado pelo prefeito de Fortaleza, Juraci Magalhães, para assumir a Secretaria de Administração do Município, passando no ano seguinte para a Secretaria de Trabalho e Ação Social, onde permaneceu até sua nomeação para a Presidência do BNB.

A par da sua atividade profissional, João Alves de Melo desempenhou funções no ensino de graduação e pós-graduação, destacando-se as de Professor Adjunto da Universidade Estadual do Ceará, na área de Administração, lecionando disciplinas de sua especialidade. Na Universidade Federal do Ceará implantou o Curso em Processamento de Dados, de que foi professor. Prestou ainda serviços de consultoria em projetos de reforma e modernização administrativa.

Dentre os títulos que recebeu merecem destaque os de Cidadão Sobralense, Cidadão de Fortaleza, e o diploma de melhor Secretário do Ano, concedido pelo Comitê de Imprensa da Câmara Municipal de Fortaleza.

Na Presidência do Banco do Nordeste, João Alves de Melo possibilitou a continuidade da *Revista da Academia Cearense de Letras*, cujo número mais recente é distribuído hoje. Vale referir que a Revista começou a ser editada em 1896. Hoje, é responsável pela sua publicação a nossa colega Noemi Elisa Soriano Aderaldo. Para uma Instituição cultural como esta, a Revista é um meio de comunicação indispensável. Ela será o testemunho, para o futuro, do que produziu este corpo privilegiado a quem se atribui uma certa mortalidade. A imortalidade do pensamento e do conhecimento, porque os artigos, os ensaios, as conferências, as palestras, os discursos, serão pesquisados por gerações do próximo século que, por sua vez, vão saber que a famosa imortalidade está ali mesmo, no que cada Acadêmico escreveu.

O título de Acadêmico Honorário conferido ao Presidente do BNB vem em boa hora. Porque distinguindo o homenageado, tam-

bém se homenageia a Instituição a que serviu e serve desde que iniciou a sua carreira profissional. Pelo que pude verificar, em alguns poucos contactos, João Alves de Melo é uma pessoa de convívio agradável, boa sensibilidade política, e sobretudo sabe ouvir, o que não é comum em cargos de extrema responsabilidade como o que exerce.

De certo modo, fui testemunha da criação e instalação do Banco do Nordeste naqueles anos chamados de *dourados* pela crônica social. Era estudante na então Faculdade Nacional de Direito, no Rio de Janeiro, e a convite de um colega, com quem mantenho laços de amizade até hoje, Carlos Roberto Martins Rodrigues, fui estagiar no escritório de advocacia dos Doutores José Martins Rodrigues e Raul Barbosa. O BNB foi criado em 1952 e instalado em 54, tendo sido seu primeiro presidente o Dr. Rômulo Almeida. Governador do Estado do Ceará, o Dr. Raul Barbosa propiciou todas as condições para que o banco fosse aqui instalado. Terminado o seu mandato, candidato a Senador, não logrou vitória e, em 1955, foi nomeado para a Chefia da Consultoria Jurídica da Instituição. Um ano depois, estive presente à posse do Dr. Raul Barbosa como Presidente do BNB, em solenidade realizada no Ministério da Fazenda.



Demócrito Rocha Dummar nasceu em Fortaleza e é o atual Diretor-Presidente da Empresa Jornalística *O Povo S.A.* Graduado em Direito pela Universidade Federal do Ceará, ingressou no jornal *O Povo* em 1967 e exerceu até 1985, quando assumiu a Presidência, os cargos de Diretor Comercial e Diretor Vice-Presidente Executivo.

Neto do Acadêmico e jornalista Demócrito Rocha, fundador de *O Povo*, Demócrito Dummar há 26 anos dedica-se integralmente à sua empresa, que é constituída pelo jornal *O Povo*, Rádios AM Stéreo e FM do Povo, Gráfica *O Povo* e Fundação Demócrito Rocha. No período de 84 a 88, foi Presidente da Associação Cearense de Emissoras de Rádio e Televisão - ACERT, e é membro da Diretoria da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão - ABERT, exercendo a Vice-Presidência. É também sócio fundador da Associação Nacional de Jornais. Em 89, Demócrito Dummar foi eleito "Homem de Marketing" - Nordeste, pela revista *Propaganda*.

Falar da importância do Jornal *O Povo* neste Estado, é mergulhar nos seus 65 anos de existência. Testemunha da História, ds mudanças sociais, do desenvolvimento, da política e das agruras provocadas pelo êxodo rural. *O Povo*, ao longo deste período, firmou-se como um dos mais significativos órgãos da imprensa em nosso País.

E é exatamente nesse período que *O Povo*, compreendendo que é preciso educar e realimentar a cultura da nossa gente, vem prestando inestimáveis serviços à comunidade cearense, não apenas como veículo de idéias, mas, sobretudo, por abrigar todas as tendências ideológicas, culturais e religiosas, exercitando um jornalismo independente, onde há lugar para a concordância e a discordância, para o pluralismo, que dá sentido ao sistema democrático.

Através da Fundação Demócrito Rocha, *O Povo* vem contribuindo para o aprimoramento cultural do nosso Estado, com o seu programa editorial e a Universidade Aberta, que já transpôs fronteiras. Vinte títulos publicados, destacando-se entre eles os estudos de Moreira Campos e Paulo Bonavides sobre a figura do fundador de *O Povo*, as sínteses históricas sobre o nosso Estado, escritas por Ricardo Oriá e Simone Souza, a coleção *Fortaleza em Questão*, os três volumes de *Vivências Empresariais*, a obra de Afrânio Fernandes sobre plantas tóxicas, os estudos de Cleto Brasileiro Pontes, a *Memória histórica* do professor e fundador da UFC, Acadêmico dos mais ilustres, Antônio Martins Filho, o romance de Adísia Sá, e a coletânea *A História do Ceará passa por essa rua*, 1º vol., do saudoso jornalista Rogaciano Leite Filho e 2º, da jornalista Ângela Barros Leal.

Para comemorar os 65 anos de *O Povo*, no próximo novembro, a Fundação Demócrito Rocha publicará os jornais *Maracajá* e *Cipó de Fogo*, em edição fac-similada, precedida de introdução do Acadêmico Sânzio de Azevedo. Lembremos que essas publicações são da mais alta importância para o estudo do Modernismo entre nós. *Maracajá*, de 1928, teve como editores Demócrito Rocha e Paulo Sarasate; *Cipó de Fogo*, de 1931, órgão independente, teve como editor o nosso colega João Jacques Ferreira Lopes. Os originais dessas duas publicações então com Edigar de Alencar, foram cedidos ao Dr. José Bonifácio Câmara, com a recomendação de que fosse Sânzio o responsável pela sua reedição.

Por tudo isto, o jornalista Demócrito Dummar merece o título de Acadêmico Honorário. Para não falar de que, em relação à nossa Academia, o Diretor-Presidente de *O Povo* sempre apoiou as nossas atividades e atendeu aos nossos interesses culturais.

Mas não podia deixar estas considerações e passar ao perfil do terceiro homenageado desta noite, Ciro Ferreira Gomes, Governador do Estado do Ceará, sem mencionar um fato ameno, colhido nos *Ensaio de Literatura Cearense*, de Sânzio de Azevedo, envolvendo duas figuras marcantes da nossa história literária: Demócrito Rocha e Rachel de Queiroz.

Lê-se no estudo de Sânzio "Rachel de Queiroz e o Romance da Seca", ao tratar o nosso colega da juventude da escritora e da sua

colaboração nos jornais *O Ceará* e *O Povo*, e também no *Maracajá*, nos fins da década de vinte, o seguinte:

“Tanto assim que fazia brincadeiras de estudante mal-comportada (comentando a citação de Herman Lima sobre a “menininha viva e solerte do Colégio das Irmãs”), como a que fez com Demócrito Rocha, já então diretor do jornal *O Povo*; baiano de Caravelas, apesar de radicado havia anos em Fortaleza, Demócrito nunca perdera o sotaque da sua região, e dizia coisa como *feitcho, oitcho, respeitcho* etc. É a própria Rachel quem conta, na introdução do livro de Paulo Sarasate (*O Rio Jaguaribe é uma artéria aberta*): ao cair a Bahia em poder dos tenentes revolucionários, em outubro de 1930, houve um animado comício no centro de Fortaleza, e Demócrito, figura principal do *meeting*, subindo a um banco da Praça do Ferreira, fez um discurso inflamado, ao fim do qual, exclamou, arrebatado:

– A Bahia não caiu! A Bahiiaa subiu no *conceitcho* nacional! – Lá do auditório, Rachel, com voz clara, gritou:

– *Muitcho* bem! Conta a escritora que todos riram, e Demócrito Rocha desceu gravemente de seu banco, para puxar as orelhas da garota brincalhona. Essa garota, concluamos nós, começava naquele mesmo ano a projetar-se vitoriosamente, como uma das grandes vozes do romance moderno do Ceará e do Brasil.”

É esta Rachel, no esplendor dos seus oitenta e três anos, companheira do Conselho de *O Povo*, professora *Honoris Causa* da Universidade Federal do Ceará, que acaba de receber o maior prêmio já conferido a escritor de língua portuguesa: o Prêmio Camões. Digase, a bem da verdade, que o Prêmio, no valor de setenta mil dólares, é conferido exclusivamente pelo Governo Português, e já distinguiu um outro notável escritor brasileiro, o embaixador e poeta João Cabral de Melo Neto. Falou-se que Rachel era pouco conhecida em Portugal. Discordo. Além do romance *O Quinze*, publicado em várias edições, é preciso lembrar que durante muitos anos os portugueses leram Rachel avidamente na última página da revista *O Cruzeiro*. E uma das suas crônicas, com críticas ao regime fascista de então, foi censurada e retirada da revista pela polícia política.

Permiti-me, Senhor Presidente Artur Eduardo Benevides, uma inconfidência. Sei que é desejo vosso ter Rachel como colega nesta Academia, no qual todos concordamos. Afinal de contas, ela passa metade do ano conosco. Cabe-me apenas formular votos de que ela seja eleita não na vossa vaga, nem na minha, nem nas dos colegas aqui presentes...



Ciro Ferreira Gomes nasceu em Pindamonhangaba, São Paulo. Mas aos sete anos de idade já estava em Sobral fazendo o curso primário na Escola Monsenhor José Ferreira. Graduado em Direito pela Universidade Federal do Ceará, foi monitor concursado de Direito Constitucional e destacou-se logo na militância estudantil, tendo sido candidato à Vice-Presidência da União Nacional dos Estudantes.

No magistério superior, foi professor de Estudo de Problemas Brasileiros e Direito Tributário na Universidade Vale do Acaraú, e, mais tarde, de Direito Constitucional e Direito Tributário na Universidade de Fortaleza. Foi no exercício dessa atividade que eu o conheci, paralela ao mandato de Deputado Estadual na legislatura de 83 a 87. Naquela ocasião, tive a oportunidade de ouvi-lo apresentando a tese de Mestrado de uma querida amiga, minha afilhada, Cláudia Leitão, que ora faz o doutorado em Direito na Universidade de Paris.

Jovem Bacharel, **Ciro Gomes** destacou-se como advogado de defesa no J júri popular, obtendo expressivas vitórias, pela facilidade de comunicação e pelo entusiástico discurso que o tornou conhecido em nossa capital. Na carreira política, em ascensão, foi reconduzido à Assembléia Legislativa para mais um mandato. Líder do Governo Tasso Jereissati naquela Casa, foi eleito Prefeito de Fortaleza, em 89 e, em seguida, candidato ao Governo do Estado, foi vitorioso tomando posse como Governador do Ceará.

Já no Governo recebeu os títulos de Cidadão do Cedro, Cidadão Juazeirense e Cidadão de Fortaleza. Fez inúmeras conferências e palestras para oficiais das Forças Armadas, para Empresários e Industriais do nosso Estado, e deslocou-se a outras cidades e capitais onde discutiu problemas do Nordeste. Fiel às suas origens, fez uma palestra na sua cidade natal, Pindamonhangaba. Como Fernando Pessoa, o Doutor **Ciro** poderia repetir que também esteve na sua aldeia e contemplou o rio imaginário e ouviu o sino da capela, pois, na verdade, o nosso piccolo mondo é a aldeia em que todos nascemos.

Valeria destacar as conferências que proferiu em Paris, por ocasião do seminário "Pluralismo Tecnológico e Gestão das Grandes Cidades Brasileiras"; em Miami, no seminário "Meios de Comunicação e Infância"; em Washington, no Fórum de Energia Solar, oferecendo informações sobre o nosso Estado e as questões do clima, da seca, do desenvolvimento e da educação.

Sem dúvida, a gama de problemas enfrentados pelo Governador do Estado é imensa. Pelos dados à disposição do SINE e do IBGE, temos hoje em Fortaleza 56% da mão-de-obra útil desempregada, e

convivemos com 86.750 famílias em extrema indigência. Multiplicando cada família por cinco ou mesmo por quatro são, na prática, quatrocentas mil pessoas nesta capital que estão longe de serem cidadãos.

Como lembrava o Visconde de Almeida Garrett, quando deputado à Assembléia Portuguesa, no momento em que Portugal abolia a escravatura: "Não adianta só libertá-los sem lhes ter dado a cidade", isto é, a cidadania. Já Garrett, no século passado, sabia que ser cidadão é ter escola, casa, emprego e dignidade.

Para agravar esse problema social, mais fruto do egoísmo, da indiferença da sociedade, do que da seca, veio o racionamento do fornecimento de água à capital, com o previsível colapso, não fosse tomada uma decisão urgentíssima. Daí a decisão do governador Ciro Gomes em atacar o problema, considerando-o prioridade imediata.

Trata-se de um projeto de proporções grandiosas e de uma extrema coragem de decisão. A construção de um canal com 98 quilômetros de extensão, partindo de Itaiçaba, junto ao Rio Jaguaribe, que trará a água para Fortaleza, bombeando-a numa primeira fase a um serrote de 60 metros de altura, e dali seguindo até o açude Pacajus, com uma vazão de $6m^3$ por segundo. Isso resolverá definitivamente o problema, pois o consumo de água da capital é de $5,5m^3$ /segundo.

Outro aspecto desse projeto audacioso, para a nossa economia e desenvolvimento, é o da irrigação das terras em todo o Baixo Jaguaribe. Resolvida a questão de água para Fortaleza, o canal terá essa finalidade, a de promover a fruticultura na região e possibilitar a exportação de frutas, como ocorre em terras que margeiam o São Francisco, o que abriria ao Ceará uma nova perspectiva econômica.

Recentemente, Senhor Governador, uma comitiva de professores da UFC visitou as obras do canal, o que eu ouvi deles pode ser resumido nesta frase: "O projeto levanta a moral da gente".

Por isso sois merecedor não apenas da homenagem desta Academia, a que acudistes, em tempo breve, na reparação da estrutura deste prédio bissecular, mas também merecedor da gratidão dos fortalezenses por terdes tomado uma decisão corajosa, difícil de ver, hoje, entre os nossos políticos.

Essa obra monumental, trouxe-me à memória a epopéia do canal de Suez. Inaugurado em 1869, aquele canal construído sob a direção do engenheiro francês Ferdinand Lesseps, encurtou em 44% o trajeto de Londres a Bombaim, e abriu a navegação entre o Mediterrâneo e o Mar Vermelho. O canal tem 167 quilômetros de extensão, largura mínima de 150 metros, e uma profundidade de 11 metros.

Um espectador da inauguração do canal de Suez, então com 23 anos, o autor de *O primo Basílio* deixou algumas observações no seu livro póstumo sobre o Egito. Eça de Queiroz relata a conversa com um engenheiro que trabalhava no canal. Falava-se do campo-nês explorado pelo senhor de todas as terras, o paxá. “Este pobre felá, de todo este celeiro, não possui uma cana-de-açúcar”. Parece, Senhor Governador, que este quadro pouco se alterou neste imenso Brasil às portas do século XXI. E o retrato que temos desse felá, de 1869, é o mesmo que hoje vemos na novela de Benedito Rui Barbosa, quando o personagem Tião diz: “O homem que não tem um sonho nessa vida é um homem morto”.

O personagem repete o D. Quixote. Sem o sonho, sem a paixão, sem a loucura, o que é o homem senão “um cadáver adiado que procria”? Neste verso, de extraordinária força, metáfora e metonímia sobre a condição humana, dedicado por Fernando Pessoa a um sonhador que se tornou lenda e mito, o Rei D. Sebastião, há todo um programa de vida. O que seria de nós não fossem o sonho, a paixão e a loucura? Seríamos todos *cadáveres adiados*, e tão somente isso. O que nos move é, pois, a paixão, a loucura e o sonho.

O que moveu o Governador do Ceará foi exatamente esse sonho, essa paixão e essa loucura. O homem quer, a obra será feita. Daí o reconhecimento de todos pela audaciosa decisão, que mereceu o comentário de um peão, em entrevista ao *O Povo*, que eu repito com a devida vênia: “Só um cabra macho, muito louco, faria esta obra”.

Bendita seja essa loucura que resolverá para sempre um problema crucial. E, a partir daí, Senhor Governador, vamos atacar de rijo outro problema ainda maior: o da miséria e o da fome, o da cidadania para milhares de conterrâneos que estão a mendigar pelas estradas da vida, numa situação injusta, repito, menos devida à seca, e mais à situação iníqua que concentra a renda e a terra.



Mas esta é uma noite de celebração, desculpai-me a incursão por algumas das realidades que nos cercam. Celebração em torno dos 99 anos da nossa Academia, que os comemora com a entrega de títulos de Acadêmicos Honorários a João Alves de Melo e Demócrito Dummar, e o de Sócio Benemérito ao Governador Ciro Gomes.

Senhores homenageados: a Academia reconhece a valiosa colaboração de Vossas Senhorias e espera que esta se mantenha, e que na comemoração dos seus 100 anos, a 15 de agosto de 1994, estejamos novamente juntos.

Muito obrigado.